29-08-2025

Há futuro para os Sindicatos?

Luizinho Oliveira

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

O mundo velho morreu,
O novo ainda não Nasceu.
Este é o tempo dos monstros.
Gramsci

O que podemos esperar dos sindicatos e o que podemos esperar para eles. Os sindicatos continuarão a ser uma organização que se conforma em representar uma minoria de trabalhadores sindicalizada ou representar também o elevado número daqueles que atuam nas diversas formas do atual mundo do trabalho? Assistirá de camarote ao declínio da importância que marcou indelevelmente uma época ou conseguirão os dirigentes sindicais recuperar o papel dos sindicatos tão necessários aos trabalhadores, devolvendo-lhes a relevância no mundo do trabalho, na chamada era digital o quanto foram na era industrial? A incerteza paira sobre o futuro dos sindicatos e de suas diretorias. Há o receio de que as mudanças no mundo do trabalho os afaste da luta com objetivo de alcançar a justiça social em vez de aproximar. O declínio do número de empregos, por conta de novas modalidades de trabalho, o flexível, as subcontratações, as plataformas digitais e ainda a persistência da economia informal, verdadeiras pragas, têm causado diminuição da participação dos operários na vida sindical. A chamada inteligência artificial de inteligência pouco tem e de artificial nada tem, e os robôs estão a destruir postos de trabalhos. O desafio está posto: a economia digital, a divisão entre quem tem emprego com proteção social e os com empregos precarizados ou os sem emprego algum. A sobrevivência do modelo de prática sindical, vivenciada até aqui, está com os dias contados, depois de várias conquistas alcançadas ao longo de mais de um século de atuação. Outra tarefa hercúlea: a sindicalização, algo vital, o oxigênio para a vida do sindicato. Os dirigentes sindicais não são preparados para esta missão. Falta-lhes firmeza política ideológica para bem desenvolver com qualidade as sindicalizações. Para sucesso das sindicalizações é preciso que o dirigente conheça profundamente o sindicato e as suas necessidades e tenha algumas noções de economia. É necessário ainda entender que o sindicato é território visceralmente político e, convenhamos, a maioria dos nossos dirigentes sindicais está longe de preencher tais requisitos. Outro entrave é a política antissindical e a disseminação de calúnias e difamações implantadas dentro das empresas pelos patrões, a elite do atraso. Os dirigentes sindicais não podem resumir a luta somente por melhores salários e condições. Precisa acontecer uma atuação firme e permanente de resistência à opressão, atuar em prol das liberdades, da soberania, contra qualquer tipo de racismo e intolerância e a favor de todos os direitos sociais e da dignidade humana. O sindicato desse mundo novo nascerá das lutas e com o DNA destes novos operários que tecem pacientemente os tênues fios de suas vidas: eles constroem este universo. E o que devem fazer aqueles que já estão e que vivem em meio a esta ebulição? Não lhes resta outra saída a não ser abrir as portas do sindicato, dar flexibilidade à entidade, indicar o caminho para que a nova alma tome forma e musculatura e siga o caminho da luta, evitando ser levado pela onda. Neste admirável mundo novo, haverá com certeza mais complexidade e contradições. Desanimar não é opção, pois somente através do nosso semelhante é que ganhamos a existência, sem o outro, não há alegria, a solidariedade inexiste, não há beleza, muito menos o encanto do abraço e do aperto de mão. Sem amor ao próximo, tudo estará perdido. Os dirigentes sindicais têm encontro marcado com o destino que ocorre na dor, no sofrimento e, indubitavelmente, na luta. É neste mundo repleto de velhas ou novas contradições que se reabrirão as portas para a entrada da solidariedade e daí será possível criar possibilidades outras para vidas em sociedade mais humanitárias. As direções sindicais deverão ser ponta de lança de um projeto de futuro que tenham os trabalhadores como principal agente formador de opinião e descubram e valorizem o sentido da luta e renovem a solidariedade. Os sindicatos têm que ser um instrumento renovado pelas lutas dos novos trabalhadores. As diretorias dos sindicatos, devem atuar com dedicação e lealdade aos princípios norteadores de luta da classe operária. Só assim serão capazes de plantar sementes que germinarão. Ainda que a colheita não venha de imediato, o tempo fará frutificar vidas futuras. As gerações futuras dirão em alto e em bom som: "*eles foram capazes de fazer o que parecia impossível e, porque acreditaram, tiveram competência política e estavam movidos estritamente pelos interesses da classe operária e não em benefício próprio ou específico*". Não vejo futuro para os sindicatos fora destas três vias: o rigor ético, o trabalho de base e a defesa do socialismo como projeto para a classe.

ELES FORAM CAPAZES DE FAZER O QUE PARECIA IMPOSSÍVEL E, PORQUE ACREDITARAM, TIVERAM COMPETÊNCIA POLÍTICA E ESTAVAM MOVIDOS ESTRITAMENTE PELOS INTERESSES DA CLASSE OPERÁRIA E NÃO EM BENEFÍCIO PRÓPRIO OU ESPECÍFICO.

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.